

# DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICOS SOB O CRIVO DA CRÍTICA CULTURAL: A ORQUESTRAÇÃO DO LETRAMENTO SOCIAL COMO OBJETO DE PESQUISA

Ueliton André dos Santos Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* Este estudo apresenta uma breve descrição acerca do processo de construção do objeto de pesquisa a ser desenvolvido em minha dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural ofertado pela Universidade do Estado da Bahia-Campus II. Dentre os principais autores e autoras que fundamentam o trabalho são citados: Bachelard (1996), Cruz (2012), Deleuze e Guattari (1995), Freire (2019), Kleiman (1995), Pereira (2014), Silva (2018) e Street (2014). Tal opção bibliográfica decorre do interesse de posicionar o letramento social como um processo plural e que se articula com uma concepção mais ampla da educação, articulação essa que ao ser posta em movimentação pode possibilitar a eclosão de novos agenciamentos para um processo de (re)invenção de si.

*Palavras-Chave:* Multiplicidade. Educação. Letramento Social. (Re)invenção de si.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo se apresenta como uma rede de ideias, cujo foco está em expor algumas imagens conceituais que se mostram fecundas no processo de construção do objeto de pesquisa a ser desenvolvido ao longo do meu processo de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia-Campus II. Para a construção do estudo em tela foi adotada a metodologia de

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES. Mestrando em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia-Campus II. Integrante do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens-GEREL/CNPq-UNEB. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UNIRB. E-mail: ueliton\_andre@hotmail.com.

pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, assim sendo, os dados apresentados foram coletados em livros impressos e digitais, artigos científicos de periódicos e teses e dissertações de repositórios virtuais. Dentre os principais autores que compõem o referencial teórico são citados: Bachelard (1996), Cruz (2012), Deleuze e Guattari (1995), Freire (2019), Kleiman (1995), Pereira (2014), Silva (2018) e Street (2014).

O artigo é composto por três seções. Na primeira seção, apresenta-se um breve panorama acerca do texto “Introdução: Rizoma” de autoria de Gilles Deleuze e Felix Guattari, publicado pela Editora 34, no ano de 1995. Tal enfoque decorre do frutífero campo conceitual exposto pelos autores (rizoma, paradigma árvore/raiz, multiplicidade e agenciamentos maquínicos). Tais conceitos convidam o leitor a repensar a realidade como um fenômeno marcado pela multiplicidade, e com isso, abre precedentes para um enfretamento à concepção monolítica que se imprime sobre a vida e o viver. Assim, pensar a realidade como uma rede rizomática é antes de tudo, falar da existência humana como um constante devir.

A segunda seção apresenta como foco o texto “A noção de obstáculo epistemológico: Plano da obra” de autoria de Gaston Bachelard. Nessa seção é apresentada a noção de psicanálise epistemológica como caminho catártico para a superação dos obstáculos que se impõem no processo de construção do conhecimento científico. Por sua vez, na terceira seção, o foco da discussão está em fazer uma exposição do processo de construção do letramento social enquanto objeto de pesquisa a ser desenvolvido em minha dissertação de mestrado. Sob esse prisma, será buscado destacar que não existe uma realidade preestabelecida, a qual os sujeitos devem apenas seguir os modelos naturalmente definidos, talhando-se a partir dos decalques de uma suposta natureza universal que tenta imprimir

uma imagem reificada dos sujeitos mediante sua posição na realidade.

## **CONEXÕES RIZOMÁTICAS E SUAS INTERLOCUÇÕES COM O DEVIR**

A pretensão de capturar e reter o mundo, a realidade, o ser e as coisas sob vias estruturais, hierárquicas e majoritárias remontam a um passado longínquo, cujas marcas repercutem de forma implícita e explícita no pensamento contemporâneo. Tais características se ligam diretamente às concepções de cunho arbóreo, em que se advoga acerca da existência de um ponto central do conhecimento do qual derivariam novos subconjuntos. Essa concepção coloca o conhecimento e seus modos de vir a ser sob uma ordem derivativa e notadamente estrutural, formatada sob uma concepção dicotômica, hierarquizante e limitante das conexões possíveis entre os sujeitos e seu entorno.

Frente a essas constatações é possível verificar a presença de um pensamento que se funda em explicações pautadas em estruturas ou concepções universalizantes. Em vista disso, buscando formular uma ideia que deixasse em evidência a dimensão da multiplicidade, Deleuze e Guattari (1995) irão propor uma leitura rizomática das relações do ser com mundo e do mundo com o ser. Sob esse horizonte, o pensamento rizomático busca criar conexões e aberturas para a expressão e a emergência de novas possibilidades de existência. Por conseguinte, o rizoma pode ser entendido como uma rede de conexões que não possuem um centro, início, meio ou fim.

Diferentemente do pensamento arbóreo, com seus critérios de caracterização e classificação, os rizomas, ramificam-se e expressam-se nas diferenças, no antagonismo, no devir. Isso fica explícito nas palavras de abertura do texto “Introdução: Rizoma” de Deleuze e Guattari (1995, p. 10), no qual ambos colocam-se como dois rizomas que entram em relação direta, produzindo com isso novas criações e conexões. Essa correlação fica perceptível

nas seguintes palavras: “escrevemos o Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante”.

Como via para movimentação das suas argumentações Deleuze e Guattari (1995), apontam algumas características que convergem para o entendimento da concepção rizomática, a saber, princípio da conexão, princípio da heterogeneidade, princípio da multiplicidade, princípio da ruptura a-significante, princípio da cartografia e o princípio da decalcomania. Sob esse panorama, verifica-se a ideia da multiplicidade como sendo o motor das conexões e relações que se firmam no processo de agenciamento da realidade. Nesse sentido, é composto um pensamento que busca desarticular o plano da linearidade das coisas, posto que “toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

A multiplicidade se manifesta por meio de um processo rizomático, no qual as diferenças se articulam de modo maquínico. Assim sendo, as coisas, o ser humano, a vida e a realidade não se encontram como processos acabados, mas antes, articulam-se como uma expressão ou face do múltiplo, ou seja, tratam-se de elementos em um contínuo processo de construção e reconstrução, pontos que se conectam em arranjos singulares. Desta maneira, o princípio da conexão e da heterogeneidade expõe que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

Essa argumentação se torna pertinente para confrontar e colocar em perspectiva diferentes aspectos e paradigmas que atravessam a existência humana. Dentre esses, é citado o paradigma da árvore e suas raízes, o qual advoga que as coisas possuem um eixo fundante de onde tudo deriva. Assim, ao se criar uma geografia do pensamento por meio dos mapas rizomáticos, é

buscado articular linhas de fuga e novas conexões, ou seja, portas de entrada para além das concepções postuladas pela perspectiva da árvore/raiz. Assim,

[...] um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer como outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14-15).

Desse modo, percebe-se que tanto a conexão como a heterogeneidade se articulam por vias de agenciamento, em que os múltiplos se conectam na composição da realidade e a criação do novo. O encontro rizomático entre Deleuze e Guattari pode ser tomado como um exemplo dessa exposição. Posto que, embora se apresentassem como sujeitos diferentes, cria-se uma conexão de agenciamento maquínico em que novas composições são produzidas por meio dessa relação. Assim sendo, não basta promover discursos em defesa do múltiplo é necessário criar redes de conexões que coloquem a multiplicidade em movimento e articulação, para que assim seja possível a profusão de desterritorialização e reterritorialização, um deslocamento constante, quer dizer, uma profusão de rupturas a-significantes.

Esse fluxo não deseja criar para si uma organização, mas antes, abrir-se cada vez mais ao novo, ao abstrato em oposição a ideia de estrutura. Pensar a realidade e o pensamento como mapas, é, sobretudo, uma articulação com múltiplas aberturas conectáveis, desmontáveis, reversível e propícia a receber modificações incessantemente, como diria Deleuze e Guattari

(1995), criar para si um “corpo sem órgãos”. Desse modo, o pensamento rizomático pode ser compreendido como uma via para a criação de linhas de fuga e de enfretamento aos suportes que servem de condução das imagens e das representações do mundo, como também confrontar as organizações que visam decalcar a realidade sob um eixo normativo e hierarquizante. Logo, as conexões rizomáticas permitem romper estratos, confrontar ideias, extrapolar limites e criar novas relações e formas de viver.

## **CAMINHOS PARA UMA CATARSE EPISTEMOLÓGICA**

Ao buscar compreender a formação do espírito científico, pautado na ideia de psicanálise do conhecimento, Bachelard (1996), tem por desígnio a profusão de uma catarse no processo científico e com isso promover uma depuração das opiniões, das imagens, dos pensamentos, dos sentimentos e dos valores que se engendram nesse fazer e impossibilitam o desenvolvimento de um conhecimento objetivo. Isso posto, seu olhar se volta para compreender as condições psicológicas que se imbricam nesse processo e sua repercussão no campo epistemológico, tencionando assim, a adoção de práticas para a superação dos pontos limitantes acerca do fazer científico.

Tais colocações visam articular ações para que o caminhar do pesquisador esteja o mais próximo possível de uma verdade que pode ser talhada, cuja base seria uma investigação profunda do problema em estudo. Assim sendo, as opiniões se configuram como um dos impasses a serem superados para a formação de uma mente científica. Logo, tal catarse científica abre precedentes para que o espírito se purifique daquilo que ele mesmo projeta sobre os objetos que ocupam seu foco de estudo (BACHELARD, 1996).

Ao trazer a questão dos obstáculos epistemológicos à cena do debate é pretendido pensar um fazer científico firmado num

posicionamento crítico do pesquisador acerca do seu fazer e das ideias resultantes de sua prática, tendo em vista que, os obstáculos epistemológicos se manifestam como sendo artifícios que dificultam ou impossibilitam o pesquisador de delimitar e conhecer seu objeto de estudo com nitidez. Isso posto, ao apresentar suas concepções, Bachelard (1996), indica um novo caminho para a construção e o entendimento do campo epistemológico.

Quando se coloca a produção científica na esfera do debate, os novos pesquisadores que se inserem nesse campo levam consigo suas concepções de mundo, suas opiniões e seus preconceitos. Assim sendo, promover ações que busquem superar tais obstáculos é antes de tudo um movimento de aprender a reaprender, é um fluxo que coloca o conhecimento como algo mutável e flexível o suficiente para (re)atualizar o espírito e o saber científico. É em decorrência dessa característica que Bachelard (1996) advoga acerca de uma psicanálise do conhecimento como um caminho profícuo para colocar em movimento a força inventiva presente no conhecimento científico.

Para Bachelard (1996), a ciência não se articula como uma ferramenta para o prolongamento ou sistematização do conhecimento comum, mas antes o que se constata é que sua ação deve promover rupturas nesse tipo de conhecimento, posto que ao negligenciar a existência dos obstáculos, camuflam-se os erros que decorrem das experiências primeiras e as reproduzem como sendo verdades absolutas ou como algo a ser negado por completo, suscitando assim, a necessidade da criação de trabalhos que iniciem sempre do ponto zero. Todavia, a ciência, supõe uma revolução espiritual pela qual o espírito reconstrói todo o seu saber compreendendo que não há verdade sem as exposições das retificações dos construtos anteriores.

Nessa trama, a generalização desvia o espírito das experiências imediatas, mas também corre o risco de encerrá-lo

em um sistema estéreo, ao satisfazê-lo com generalidades vagas que supostamente explicariam toda a realidade. Isso posto, constata-se que o pensamento pré-científico cessa todo o diálogo com a experiência, pois negligência os detalhes e as especificidades e as contradições. Assim, os erros primeiros deixam de ser tomados como ponto de impulsionamento para o rejuvenescimento do saber científico para recair em um terreno infértil dos erros como verdades absolutas. Portanto, o foco do espírito científico não é a busca por uma universalização de conceitos, mas sim tentar determinar com precisão o fenômeno em estudo, sem negligenciar os possíveis obstáculos que podem se apresentar ao longo desse fazer.

Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado (BACHELARD, 1996, p. 18).

Aqui é oportuno destacar que as ideias supracitadas deixam em evidência que a revolução do espírito científico se constrói por meio das retificações e não do apagamento do saber anterior, ou seja, para tornar-se científico, o saber deve superar suas tendências espontâneas de caráter intuitivo e tomar consciência dos seus preconceitos e das suas ilusões. Nessa trama, a ciência se constrói contra à observação primeira, tendo em vista que, o primeiro obstáculo ao desenvolvimento científico é a ilusão do saber imediato. O pré-científico acredita que basta a ele observar e descrever os fatos, ele ignora portanto, que aquilo que ele toma como experiência direta e objetiva da realidade é apenas uma proteção subjetiva de sua experiência íntima, ou seja, uma interpretação que provém de suas paixões de seus desejos inconscientes (BACHELARD, 1996).

No centro dessa questão, é válido e salutar que o fazer científico possa ser tomado como um canal de investigação de



problemas e não como uma via de afirmação das opiniões do pesquisador, tendo em vista que, a prática científica “opõe-se absolutamente à opinião” (BACHELARD, 1996, p. 18). Portanto, enquanto processo contínuo, o saber científico reivindica que o pesquisador se afaste das evidências que estão engessadas em suas impressões e posições iniciais, as quais não passaram por reflexões e indagações críticas. Nesse jogo, ao se interpretar a opinião como um dispositivo que opera a favor dos nossos preconceitos e erros iniciais, ela se expressa como um dos obstáculos a serem superados.

Assim, ao buscar legitimar suas visões primeiras acerca de um problema, o pesquisador se implica em um fazer de reafirmação de crenças e se impede de conhecer aquilo que se propôs investigar. “Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado. Não basta, por exemplo, corrigi-la em determinados pontos, mantendo, como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório” (BACHELARD, 1996, p. 18). Em suma, o espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Nesse sentido, não existe problema que não possa ser respondido, existem questões cuja formulação reprime uma imersão científica, pois está obstaculizada por entraves epistemológicos.

## **NOVOS AGENCIAMENTO NA (RE)INVENÇÃO DE SI**

Diferentemente de Deleuze e Guattari, Bachelard (1996), se propôs analisar a construção do saber científico tomando como ponto norteador os fundamentos psicanalíticos, e, com isso apresenta uma espécie de psicanálise do conhecimento, a qual ele se utiliza para exibir os obstáculos epistemológicos e os possíveis movimentos para sua superação. Apesar das diferenças na abordagem teórica, esses autores apresentam ideias frutíferas ao

debate científico e suscitam novos pontos de leitura e entendimento da realidade e da produção de conhecimento, bem como possibilitam o florescimento de novas ideias para a compreensão das experiências humanas em seu processo constitutivo.

Frente aos expostos, e buscando criar agenciamentos e conexões que impulsionem uma produção científica crítica e atenta aos entraves epistemológicos, nessa seção será apresentada uma breve descrição do processo de construção do objeto de pesquisa a ser desenvolvido em minha dissertação de mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural ofertado pela Universidade do Estado da Bahia na cidade de Alagoinhas.

Destarte, iniciaremos com uma exposição que visa contextualizar a escolha do objeto a ser pesquisado e suas conexões com o atual cenário brasileiro, no qual os discursos em defesa da incorporação da educação escolar numa lógica mercadológica se mostra cada vez mais frequente (CRUZ, 2012). Isso se torna ainda mais sintomático quando os reflexos dessa ação irrompem sobre outros processos, a exemplo, é citada as maquinarias que se projetam em torno do letramento, nas quais o letramento escolar hegemônico assumi um papel de destaque em detrimento das outras formas possíveis.

Quando se coloca a questão do letramento escolar tradicional — letramento autônomo — na cena do debate é importante elucidar que os códigos símbolos e valores que atravessam esse fenômeno é predominantemente aqueles de ordem hegemônica (STREET, 2014; KLEIMAN, 1995). Com isso, os blocos burgueses não apenas sacralizam determinados espaços, símbolos e direitos em favor de um pequeno grupo — elite dominante, mas também arquitetam artifícios para a deslegitimação das produções e da própria existência de outros grupos humanos.

Nesse sentido, o letramento social é aqui entendido como um importante agenciamento no processo de (re)invenção de si e do outro, posto que por meio das leituras que os sujeitos realizam do seu entorno criam-se múltiplas conexões entre os códigos, símbolos e valores que compõem seu meio sociocultural (STREET, 2014). Assim sendo, como exposto por Deleuze e Guattari (1995), a realidade não se apresenta como algo estático, pronto e acabado, mas antes como um tecido em constante processo de construção, no qual novos arranjos podem vim à cena social.

Nessa acepção, é por meio das interações que o ser humano entra em contato consigo, com o outro e com o entorno. Esse ponto se mostra fecundo posto que, abre precedentes para infinitas possibilidades de ser e estar no mundo. Como alerta Freire (2019), o sujeito se constrói nas relações, assim sendo, percebe-se o caráter pluralista que se implica nesse processo, pois a cada relação que se forma há a possibilidade do novo eclodir e com isso criar novos pontos de existência na realidade. Assim, à medida que as pessoas compreendem seu entorno, e, situam-se em suas relações, projetam-se conexões que possibilitam uma releitura e reescrita de si.

Essa contextualização acerca do letramento e sua adjetivação com o termo social, visa situá-lo como um ponto de resistência e de crítica à reificação de determinados grupos humanos, a saber, os negros, as mulheres, os homossexuais e as pessoas em condição de vulnerabilidade social e econômica, por meio de uma ideia de letramento hegemônico que insiste em fixar a existência humana sob uma forma única possível, cuja estética para esse projeto decorre dos desejos e anseios das classes dominantes. Conforme indicado por Pereira (2014), a motivação das pessoas em buscar o letramento escolar não decorre de um ponto único, as aspirações são múltiplas e que por vezes apresentam-se como uma forma de afirmação de sua existência e inserção social em suas variadas formas. Eis um dos pontos que

justificam a importância de situar o letramento como um processo plural e que apresenta uma estreita conexão com os espaços sociais (STREET, 2014).

Essa estratégia busca colocar as questões dos letramentos em perspectiva, posto que o pensamento eurocêntrico se capilarizou nas relações humana de tal forma que busca colocar sua estética nos diferentes canais de existência humana. Assim sendo, é pretendido articular uma perspectiva educacional em que todo e qualquer sujeito se configure como potencial educador e potencial educando nos mais diversos meios aos quais se inseri (SILVA, 2018). E, conseqüentemente abrir novos caminhos para a compreensão do letramento, tendo em vista que, esse conceito é tomado pelos indivíduos em diferentes cenários como algo inerente aos espaços escolares e a um fazer institucionalizado. Esse fenômeno pode ser entendido a partir da ideia de obstáculo verbal, o qual Bachelard (1996), denomina como sendo um processo sob o qual um conceito com significações múltiplas passa a ser assimilado pela generalização de uma significação única.

Conforme exposto por Deleuze e Guattari (1995), a realidade está em construção a todo tempo, assim sendo, é possível inferir que as pessoas se conectam como pontos rizomáticos nessa produção, pois nada está dado *a priori* ou definido de forma estática. Novos arranjos surgem a todo instante, e, são nessas relações entre os sujeitos que o novo pode eclodir. Assim, ao apresentar o letramento social é pretendido trazer ao campo do debate novas formas de conceber o processo de leitura para além da leitura hegemônica circunscrita e associada predominantemente à educação escolar tradicional, tendo em vista que, a leitura é um fenômeno que desponta junto com a própria existência humana (CRUZ, 2012). Nesse sentido, as histórias de vida se configuram como um ponto fecundo para a compreensão e problematização do caráter singular e pluralista

que o letramento social pode assumir ao focalizar novos horizontes.

Desde que o sujeito adentra ao meio social, ele produz leituras de si, do outro e do entorno, portanto reduzir esse fenômeno a escrita e a leitura institucionalizada é sobretudo uma tentativa de reduzir a existência humana ao crivo de uma ordem hegemônica que produz constantemente dispositivos para a captura da potência de “ser mais”<sup>2</sup> das pessoas. Os sujeitos estão em constante movimento, assim sendo, conforme indicado por Freire (2019), nesse processo a conscientização em conexão com a ação possibilita a articulação de práxis emancipadoras, assim sendo, ao trazer esses conceitos para o campo da história de vida dos sujeitos é possível articular uma leitura que oferte aos indivíduos canais para a (re)significação de suas experiências e projetar novas conexões no processo de (re)invenção de si.

A educação tradicional ao firmar em supostos semelhantes à ideia da árvore-raiz, produz um tronco educativo fortemente imbricado com os interesses de uma camada hegemônica que colocar a educação escolar não apenas como superior as demais, como também institui um modelo específico de educação a ser difundido. Sendo assim, observa-se a defesa de uma educação escolar linear cujas dosagens dos conhecimentos devem ser precisamente calculadas e avaliadas, para que assim sejam acrescidas novas informações. Essa ideia de linearidade do conhecimento pressupõe que só é possível chegar ao ponto B após ter passado pelo ponto A.

Nessa tessitura, se advoga que o letramento social pode ser operacionalizado sob uma perspectiva pluralista, ou seja, um canal rizomático no qual o sujeito pode estabelecer múltiplas conexões com o seu entorno. Portanto, sabendo que a realidade

---

<sup>2</sup> Conceito apresentado por Paulo Freire (2019) para fazer referência à possibilidade que o indivíduo tem de transpor os limites de sua realidade imediata.

não se apresenta como algo pronto e determinado, é possível movimentos de desterritorialização e reterritorialização como indicado por Deleuze e Guattari (1995). Logo, ao se advogar em prol do letramento social, busca-se com isso criar pontos de conexões rizomáticas, nas quais o sujeito leitor de si, do outro e do entorno possa (re)escrever sua trajetória de vida por vias que ampliem sua linha de fuga das determinações do crivo hegemônico.

Isso posto, o letramento ao ser adjetivado de social é tomado como um instrumento fecundo para a profusão do princípio da cartografia sugerido por Deleuze e Guattari (1995), assim sendo, o letramento social é visto como um canal criador de mapas e não de decalques da realidade. Isso posto, é oportuno expor que:

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Por este ângulo, o letramento social busca deixar em evidência a possibilidade da multiplicidade no processo de constituição do sujeito e se contrapõe a ideia do letramento tradicional hegemônico que se colocar como superior aos demais ao se firmar na ideia de decalque fiel do mundo, ou seja, ao se colocar na posição de algo sagrado, não abre precedentes para outras formas de atuação, posto que a salvação só se torna possível frente a sua devida apropriação, quer dizer, uma vida criada sob decalques. Assim, é percebido que “um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida competência” (DELEUZE; GUATTARI,

1995, p. 21). Portanto, o letramento social é evocado como um canal criador e recriador de formas de ser e estar no mundo e com o mundo, um canal de ligações múltiplas com o devir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante os postulados aqui apresentados, é possível constatar a importância da profusão de estudos que visem trazer à cena do debate outras leituras e interpretações acerca da definição do conceito de letramento. Essas considerações se mostram pertinentes tendo em vista às constantes orquestrações que acoplam os letramentos como sendo um processo monolítico e inerente aos espaços escolares, cujos pontos privilegiados nesse fazer são os códigos símbolos e valores das camadas hegemônicas.

Em suma, destaca-se que a emergência de estudos sobre o letramento social se apresentam como pontos significativos para a articulação de outras modalidades de práticas de letramento, e, com isso contribuir com práticas que se imbriquem efetivamente com o desenvolvimento humano em seus múltiplos contextos e espaços sociais. Isso posto, destaca-se que a educação e o letramento não se reduzem ao espaço escolar, tais fenômenos se apresentam como ações plurais e que se manifestam em variados contextos. Portanto, é propício destacar que a linguagem e a comunicação humana não devem ser reduzidas aos princípios institucionalistas de matriz eurocêntrica que almejam por meio dos seus dispositivos de controle impor um padrão monolítico sobre a vida e os modos de viver.

## **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 17-28.

- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 10-36.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. 2014, 197 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) — Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- SILVA, Roberto da. Outras educações possíveis. In: Moacir Gadotti; Martin Carnoy. (Org.). *Reinventando Paulo Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: IPF/Lemann/Stanford Education, 2018.
- STREET, Brian. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.